**UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ- UVA**

**NÚCLEO GUARARAPES**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**MARCELA FERNANDES DA SILVA**

**MIDILENE BARTOLOMEU FRANÇA BARBOSA**

**OS CONTOS DE FADAS NUM CONTEXTO PSICOPEDAGÓGICO**

**RECIFE**

**2014.2**

**MARCELA FERNANDES DA SILVA**

**MIDILENE BARTOLOMEU FRANÇA BARBOSA**

**OS CONTOS DE FADAS NUM CONTEXTO PSICOPEDAGÓGICO**

Monografia apresentada a Universidade Vale do Acaraú – UVA, como requisito parcial para conclusão do Curso de Pedagogia.

 **ORIENTADOR: OSVALDO BRUNO DE CASTRO VIEIRA**

**RECIFE**

**2014.2**

**MARCELA FERNANDES DA SILVA**

**MIDILENE BARTOLOMEU FRANÇA BARBOSA**

**OS CONTOS DE FADAS NUM CONTEXTO PSICOPEDAGÓGICO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, do Curso de pedagogia, aprovado em: \_27\_/\_01\_/\_2015.

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

1º Examinador (Orientador): Prof. Me. Osvaldo Bruno de Castro Vieira

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

2º Examinador: Prof. Me. Bruno Santos Marones Costa

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

3º Examinador: Profa. Me. Marlene Aparecida dos Reis

O Deus que nos criou e foi criativo nesta tarefa. Seu fôlego de vida em nós foi sustento e nos deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

**AGRADECIMENTOS**

 Em primeiro lugar, agradecemos a Deus por toda proteção e amor com que nos cercou durante toda nossa caminhada.

Aos nossos familiares, pelo apoio e carinho durante os momentos difíceis, na verdade nada disso seria possível sem a força deles.

 Ao professor Osvaldo Bruno de Castro Vieira, em reconhecimento ao seu trabalho, a sua responsabilidade e atenção durante as orientações.

 Aos nossos maravilhosos amigos que formaram a turma mais que especial do mundo (a nossa turma), pessoas que também são de uma grande importância em nossas vidas.

Por fim, aos nossos professores que contribuíram de forma significativa para nossa formação acadêmica e a todos que cooperaram direta ou indiretamente na concretização dessa monografia.

Sabemos que quanto mais infelizes e desesperados estamos, tanto mais necessitamos de ser capazes de nos envolvermo-nos em fantasias otimistas. Embora a fantasia seja “irreal”, os bons sentimentos que ela nos dá sobre nós mesmos e nosso futuro são “reais”, e estes bons sentimentos reais são o que necessitamos para sustentar-nos. (BETTELHEIM, 2000, p. 157).

**RESUMO**

Esse estudo visa demonstrar a importância dos contos de fadas num contexto psicopedagógico, abordando os aspectos que consideram e mostram a importância que tal recurso proporciona satisfatoriamente no desenvolvimento infantil. Apresenta uma abordagem que favorece a reflexão, a análise e interação acerca das teorias e hipóteses levantadas. O objetivo da escolha do tema reside na “contação” de histórias que pode contribuir significativamente no processo de desenvolvimento da criança, principalmente no contexto ensino-aprendizagem. A pesquisa bibliográfica foi o suporte indispensável na elaboração deste trabalho. Portanto, a partir dessa pesquisa foi possível perceber que, embora a “contação” de histórias apresente-se como um rico meio para o desenvolvimento das habilidades da criança, geralmente não se tem consciência do seu valor como apoio ao processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras- chave**: Contos de fada; Contexto psicopedagógico; Desenvolvimento da criança.

**ABSTRATC**

This study aims to demonstrate the importance of fairy tales in the context of psychopedagogic, addressing aspects that consider and show the importance that this feature provides satisfactorily in child development. Presents an approach that fosters reflection, analysis and interaction about the theories and assumptions. The aim of the choice of the theme lies in the storytelling story that can make a significant contribution in the process of development of the child, especially in the teaching-learning context. The bibliographical research was the indispensable support in the preparation of this work. Therefore, from this survey was possible to notice that, although the storytelling stories introduce yourself as rich medium for the development of the child's abilities, usually don’t have awareness of their value as supporting the teaching-learning process.

**Keywords:** Fairy Tales; Psycho-pedagogical context; Child development.

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

DMC – Disfunção Cerebral Mínima

CEPs – Centros de Estudos Psicopedagógicos

ABPp – Associação Brasileira de Psicopedagogia

**SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO........................................................................................10**

**1. HISTÓRICO DA PSICOPEDAGOGIA................................................12**

1.1 Conceitos da Psicopedagogia..............................................................................14

1.2 O psicopedagogo.................................................................................................17

1.3 Campo de Atuação da Psicopedagogia...............................................................18

**2. A FANTÁSTICA HISTÓRIA DOS CONTOS DE FADAS...................20**

2.1 Estrutura dos contos de Fadas.............................................................................22

2.2 Autores dos Contos de Fadas..............................................................................25

**3. OS CONTOS DE FADAS NUM CONTEXTO PSICOPEDAGOGICO**

**................................................................................................................31**

3.1 Era uma vez, e ainda é.........................................................................................31

**CONSIDERAÇÃOES FINAIS.................................................................38**

**REFERÊNCIAS.....................................................................................39**

**INTRODUÇÃO**

O objetivo central deste trabalho monográfico é aclarar a importância dos contos de fadas num contexto psicopedagógico, abordando aspectos que consideram e mostram a importância que tal recurso proporciona satisfatoriamente no desenvolvimento infantil

A escolha da referida temática deve-se ao questionamento de como essas histórias podem contribuir significativamente para o desenvolvimento da criança, principalmente no processo de ensino-aprendizagem, sendo ferramentas valiosas da psicoterapia infantil, mostrando assim, a verdadeira intenção que as lições de moral transcendem dos contos de fadas.

O percurso metodológico adotado nesta pesquisa Bibliográfica decorreu de: pesquisa em artigos científicos, livros, revistas e sites da internet.

 Em relação aos doutrinadores, foram consultados os Mestres: Bruno Bettelheim com a obra “A Psicanálise dos Contos de Fadas (1980)”, Glória Radino com o livro “Contos de Fadas e a realidade Psíquica (2003)”, Nádia Aparecida Bossa com o livro “A psicopedagogia no Brasil (2000)” e

 O texto dessa monografia foi escrito em linguagem simples, dividido em 03(três) capítulos, sendo abordados os assuntos:

 No primeiro capítulo - A psicopedagogia no Brasil – foram expostos o, surgimento histórico, conceitos do termo psicopedagogia, o papel do psicopedagogo e o campo de atuação da psicopedagogia.

 No segundo capítulo - As origens dos contos de fadas – foram abordados a fantástica historia dos contos de fadas, estrutura desses contos e seus principais autores e obras.

 E por fim, no terceiro capítulo - Os contos de fadas como instrumento de contribuição para psicopedagogia – mostrando que sobre uma reflexão crítica percebe-se a contribuição dos contos no auxílio às crianças ao lidarem com ansiedades e na superação de obstáculos. Nesse contexto, visa-se, também, a possibilidade do desempenho da criança em vários aspectos sociais , assim como, na construção de sua personalidade. Vale ressaltar que o conto é um gênero literário que trata da realização de desejos e se relaciona ás angustias e propicia fantasias inconscientes contribuindo de forma importante para a formação do imaginário infantil, levando a criança involuntariamente a resolver seus próprios conflitos. Ainda assim, proporcionando o gosto pela leitura e consequentemente grandes leitores.

**1. HISTÓRICO DA PSICOPEDAGOGIA**

Com a chegada da era industrial, também chegou a preocupação com a produtividade e com tudo o que atrapalhava a possibilidade de produzir.

As dificuldades de aprendizagem passaram a ser foco de atenção, e a Medicina começou a estudar a causa dos problemas e suas possíveis correções. A primeira guerra mundial, em andamento na época, oferecia à oportunidade de se descobrir, no cérebro dos guerrilheiros atingidos, a relação das áreas cerebrais danificadas com as funções que apareciam prejudicadas.

A Oftalmologia, a Neurologia, a Psiquiatria eram algumas das áreas da Medicina que se ocupavam com esses estudos.

No final do século XIX, educadores, psiquiatras e neuro-psiquiatras começaram a se preocupar com os aspectos que interferiam na aprendizagem e a organizar métodos para a educação infantil.

Segundo Bossa (2000), os Centros Psicopedagógicos foram fundados na Europa, por Boutonier e George Mauco, com direção médica e pedagógica unindo conhecimento na área da psicologia, psicanálise e pedagogia, em que tentavam readaptar crianças com comportamentos socialmente inadequados na escola ou no lar, e atender crianças com dificuldades de aprendizagem, na segunda metade do século XX, e objetivavam, a partir da integração de conhecimentos pedagógicos e psicanalíticos, atenderem pessoas que apresentavam dificuldades para aprender apesar de serem inteligentes.

Nos Estados Unidos, o mesmo movimento acontecia, no entanto, visavam enfatizar os conhecimentos médicos, propiciando um caráter mais organicista as dificuldades de aprendizagem.

Muitas definições foram formadas para diferenciar aqueles que não aprendiam, apesar de serem inteligentes, daqueles que apresentavam deficiências mentais, físicas e sensoriais.

Os esforços de investigadores americanos, como Samuel Orton, segundo (GEARHART 1978 apud VALÉRIA GOULART, 2011), resultaram em processos de tratamento altamente desenvolvidos dessas dificuldades, que incluíam, além de médicos, também psicólogos, foniatras, pedagogos e professores, que atendiam em clínicas, seguindo um modelo multidisciplinar.

O movimento europeu acabou por originar a Psicopedagogia, enquanto que o movimento americano proliferou a crença de que os problemas de aprendizagem possuíam causas orgânicas e precisavam de atendimento especializado, influenciando parte do movimento da Psicologia Escolar que, até bem pouco tempo, segundo Bossa (2000), determinou a forma de tratamento dada ao fracasso escolar.

A corrente européia influenciou a Argentina, que passou a cuidar de suas pessoas portadoras de dificuldade de aprendizagem, há mais de 30 anos, realizando um trabalho de reeducação. Buenos Aires foi à primeira cidade a oferecer o curso de Psicopedagogia.

Mais tarde, este acabou sendo o objeto de estudo que contava com os conhecimentos da Psicanálise e da Psicologia Genética, além de todo o conhecimento de linguagem e de psicomotricidade, que eram acionados para melhorar a compreensão das referidas dificuldades.

O Brasil recebeu influências tanto americana, quanto europeia, por intermédio da Argentina. Notadamente, no sul do país, percebe-se que os conhecimentos dos renomados profissionais argentinos contribuíram maciçamente para a construção do nosso processo de conhecimento psicopedegógico. Nessa trilha, na década de 70 foi amplamente difundida a idéia de que tais problemas teriam como causa uma disfunção neurológica não detectável em exame clínico chamada de **Disfunção Cerebral Mínima (DCM)**. O rótulo DCM foi apenas um dentre os vários diagnósticos empregados para camuflar problemas sociopedagógicos traduzidos ideologicamente em termos de psicologia individual. Termos como dislexia, disritmia e outros também foram usados para esse fim (BOSSA, 2000).

Dr. Quirós, Jacob Feldmann, Sara Pain, Alícia Fernandez, Ana Maria Muñiz e Jorge Visca são alguns dos principais nomes argentinos que trouxeram os conhecimentos da Psicopedagogia para o Brasil e enriqueceram o desenvolvimento desta área de conhecimento.

Ainda, na década de 70, também, surgiram os primeiros cursos de especialização em Psicopedagogia no Brasil, criados para complementar a formação dos psicólogos e educadores que buscavam soluções para esses problemas. Cursos formais de Psicopedagogia eram cognominados de Reeducação Psicopedagógica, Psicopedagogia Terapêutica, Dificuldades Escolares, dentre outros. Vale mencionar que esses cursos ocorreram primeiramente em Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo.

Nos idos de 1994, o Professor Jorge Visca implantou no Brasil os Centros de Estudos Psicopedagógicos (CEPs) com o propósito de difundir a Epistemologia Convergente, ou seja, linha teórica que apóia e fundamenta a Psicopedagogia, tendo como objetivo primordial a formação dos profissionais nesta linha de abordagem.

Nesse compasso, O CEP - Curitiba, fundado em 1988, já formou dez turmas de Psicopedagogos e três grupos de Coordenadores de Grupos Operativos. Atualmente, existem cinco grupos de Formação em Psicopedagogia e um grupo de Teoria e Técnica de Grupos Operativos em andamento.

Além de trabalhar com os grupos do CEP - Curitiba, o referido professor ministrou aulas na Universidade Federal do Paraná e na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como convidado, sendo que em Curitiba e em outras cidades do interior do Paraná, foi incumbido pela formação de milhares de profissionais.

Jorge Visca, tendo nascido em 1935, veio a falecer em 2000, tendo deixado ao longo desses 65, um legado de cerca de dez obras publicadas, com ensinamentos contundentes que norteiam, revolucionam e serve de modelo para todos aqueles que se enveredam na teoria psicopedagógica.

**1.1 CONCEITOS DA PSICOPEDAGOGIA**

Inicialmente, para definir a Psicopedagogia buscou-se o Código de Ética da Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp), o qual foi elaborado pelo Conselho Nacional do Biênio 91/92 e Reformulado pelo Conselho Nacional e Nato do Biênio 95 que no Capítulo l – Dos princípios – são transcritos, literalmente, os conceitos: :

“Artigo 1º: A Psicopedagogia é um campo de atuação em educação e saúde que lida com o processo de aprendizagem humana: seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio - família, escola e sociedade – no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios da Psicopedagogia.

Parágrafo único: A intervenção psicopedagógica é sempre da ordem do conhecimento relacionado com o processo de aprendizagem.”

 “Artigo 2º: A Psicopedagógia é de natureza interdisciplinar. Utiliza recursos das várias áreas do conhecimento humano para a compreensão do ato de aprender, no sentido Ontogenético e Filogenético, valendo-se de métodos e técnicas próprias”.

 “Artigo 3º: O trabalho psicopedagogico é de natureza clínica e institucional, de caráter preventivo e/ou remediativo”.

 “Artigo 5º: O trabalho psicopedagógico tem como objetivo promover a aprendizagem, garantindo o bem-estar das pessoas em atendimento profissional, devendo valer-se dos recursos disponíveis, incluindo a relação interprofissional.

 Ainda, conceituando Psicopedagogia, segundo o novo dicionário Aurélio da língua portuguesa, o termo em tela é definido como: “Aplicação da Psicopedagogia experimental á pedagogia”.

Nesse sentido, Bossa (2000) alude que a Psicopedagogia, como área de aplicação, antecede o status de área de estudos, a qual tem procurado sistematizar um corpo teórico prático próprio, definir o seu objeto de estudo, delimitar o seu campo de atuação, e para isso recorrer à Psicologia, Psicanálise, Linguística, Fonoaudiologia, Medicina e a Pedagogia.

Ademais, em sua obra a Psicopedagogia no Brasil, Bossa (2000), também, traz a definição de Psicopedagogia na visão de alguns autores, conforme mencionados a seguir:

Para Maria M. Neves, “falar sobre psicopedagogia é, necessariamente, falar sobre a articulação entre educação e psicologia, articulação essa que desafia estudiosos e práticos dessas duas áreas”.

Conforme Kiguel, que também tem contribuído nesse processo de construção do saber psicopedagógico, “historicamente a Psicopedagogia surgiu na fronteira entre a Pedagogia e a Psicologia, a partir das necessidades de atendimento de crianças com distúrbios de aprendizagem”, nesse sentido, ele afirma ainda que o fracasso escolar não é só Pedagógico e psicológico, mas também da desnutrição.

Já para Scoz, o objeto de estudo da psicopedagogia deve ser entendido a partir de dois enfoques: preventivo e terapêutico. O primeiro considera o objeto do estudo de psicopedagogia o ser humano em desenvolvimento enquanto educável, e o segundo uma identificação, análise, elaboração de uma metodologia de diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem.

Do ponto de vista de Weiss, “a psicopedagogia busca a melhoria das relações com a aprendizagem, assim como a melhor qualidade na construção da própria aprendizagem de alunos e educadores”.

Os conceitos elencados remetem a certo consenso, de que a psicopedagogia deve ocupar-se em estudar a aprendizagem humana, mas, é uma ilusão pensar que baseados nestes consensos chegaremos a um só caminho. O tema apresenta uma grande complexidade que tem a dimensão da própria natureza humana. Então torna-se importante ressaltar que a concepção de aprendizagem resulta de uma visão de homem, e é em razão desta que acontece a ação psicopedagógica.

A Psicopedagogia no Brasil, hoje é a área que estuda e lida com o processo de aprendizagem e suas dificuldades e, em uma ação profissional, deve englobar vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os. (SCOZ, 1990apud BOSSA, 2000)

Com relação á questão da formação, da maneira como se dá no nosso País, ela pressupõe vantagens e desvantagens. De um lado, o fato de a nossa formação em Psicopedagogia envolver diversificados profissionais acentua, diferentemente do que ocorre na Argentina, o caráter interdisciplinar desta área de estudo. De outra banda, em razão exatamente da presença de profissionais diversos, o psicopedagogo enfrenta dificuldades em construir uma identidade própria.

 Em seu livro "A Psicopedagogia no Brasil", Bossa (2000), também, trata de diferentes níveis de prevenção. Inicialmente, o psicopedagogo atua nos processos educativos com o objetivo de diminuir a frequência dos problemas de aprendizagem, tendo como trabalho as questões didático-metodológicos, bem como na formação e orientação dos profissionais da educação, além do aconselhamento dos pais. Num segundo momento, o grande objetivo é tratar os problemas de aprendizagem já instalados, criando um diagnóstico da realidade institucional e elaborando planos de intervenção baseados na realidade diagnosticada. E finalmente, o grande objetivo é eliminar os transtornos instalados, a partir de um procedimento clínico com todas as suas implicações. É importante frisar que no exercício do trabalho clínico, o psicopedagogo deve reconhecer a sua própria subjetividade na relação, pois se trata de um sujeito que estuda outros sujeitos.

**1.2 O PSICOPEDAGOGO**

Tendo como referência o Projeto de Lei nº 3124/97 do Deputado Barbosa Neto que regulamenta a profissão do Psicopedagogo, é extraída seguinte síntese: Poderão exercer a profissão de Psicopedagogo no Brasil os portadores de certificado de conclusão em curso de especialização em Psicopedagogia em nível de pós-graduação, expedido por instituições devidamente autorizadas nos termos da legislação pertinente.

Nesse seguimento, Bossa (2000) mostra que os profissionais de Psicopedagogia como quaisquer outros profissionais, sustentam sua prática em pressupostos teóricos muitas vezes distintos. A epistemologia genética e a psicanálise são necessárias para a teoria psicopedagógica, mas não se confundem com ela, cujo fim é dar conta da articulação inteligência-desejo. Portanto, considera-se que a psicopedagogia foi se materializando como um conhecimento independente e complementar, por assimilação recíproca das contribuições das escolas psicanalítica, piagetiana e da psicologia social de Enrique Pichon- Riviére.

 A psicopedagogia ocupa-se, assim, de todo o contexto da aprendizagem, seja na área clínica, preventiva, assistencial, envolvendo elaboração teórica no sentido de relacionar os fatores envolvidos nesse ponto de convergência em que opera. Nesse contexto, infere-se que historicamente a psicopedagogia nasceu para atender a patologia da aprendizagem.

Citando ainda Scoz, a autora traz o pensamento de (Golbert, 1985 apud BOSSA 2000), para relatar como deve ser o objeto de estudo da psicopedagia no contexto fático do psicopedagogo, enfocando que: “O objeto de estudo da psicopedagogia deve ser entendido a partir de dois enfoques: preventivo e terapêutico. O enfoque preventivo considera como objeto de estudo da psicopedagogia, o ser humano em desenvolvimento enquanto educável. Seu objeto é a pessoa a ser educada. Seus processos de desenvolvimento e as alterações de tais processos. Focaliza as possibilidades de aprender num sentido amplo. Não se restringe a uma agência como escola, mas ir também à família e à sua comunidade. Poderá esclarecer, de forma mais ou menos sistemática, a professores, pais e administradores sobre as características das diferentes etapas do desenvolvimento, sobre o progresso nos processos de aprendizagem, sobre as condições psicodinâmicas da aprendizagem. O enfoque terapêutico considera o objeto de estudo da psicopedagogia a identificação, a análise, a elaboração de uma metodologia de diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizado.”

De todo o exposto, vê-se que a Psicopedagogia estuda as características da aprendizagem humana: como se aprende, como essa aprendizagem varia evolutivamente e está condicionada por vários elementos, como se produzem as alterações na aprendizagem e bem como reconhecê-las, tráta-las e previni-las.

**1.3 CAMPO DE ATUAÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA**

O campo de atuação do psicopedagogo refere-se não só ao espaço físico onde se dá esse trabalho, como também, em especial ao espaço epistemológico, ou seja, o lugar deste campo de atividade e ao modo de abordar o seu objeto de estudo.

 O trabalho psicopedagógico pode ter um nível de abrangência assistencial. Isso ocorre, principalmente, quando, por exemplo, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração, direção e evolução de planos, programas e projetos no setor de saúde e educação, integrando diferentes campos de conhecimento.

Evidentemente, tanto na prática preventiva como na clínica, o profissional deve estar embasado no referencial teórico emanado de sua função preventiva. Nesse passo, caberá, primordialmente, ao psicopedagogo:

- Detectar possíveis perturbações no processo de aprendizagem;

- Participar da dinâmica das relações da comunidade educativa, a fim de favorecer processos de integração e troca;

- Promover orientações metodológicas de acordo com as características dos indivíduos e grupos;

- Realizar processos de orientação educacional, vocacional e ocupacional, tanto na forma individual quanto em grupo.

 Nesse desiderato, "A Psicopedagogia é uma área na qual encontramos a confluência do psicológico, a subjetividade, os seres humanos, social e cultural, implica uma síntese: os seres humanos, seu mundo psíquico individual e grupal, em relação á aprendizagem e aos sistemas e processos educativos” (MULLER, 1995 apud BOSSA, 2000).

Portanto, conhecer os fundamentos da Psicopedagogia requer refletir sobre suas origens teóricas, revisando os impasses conceituais na ação da Pedagogia e da Psicologia no processo ensino-aprendizagem, os quais envolvem tanto o social quanto o individual, tanto transformadores quanto reprodutores.

É importante ressaltar que a Psicopedagogia ainda se encontra em fase embrionária e seu corpo teórico encontra-se em plena construção. A cada dia surgem novas ideias, novas situações e mais transformações.

**2. A FANTÁSTICA HISTÓRIA DOS CONTOS DE FADAS.**

 Os contos de fadas existem a milhares de anos em todos os continentes e em várias culturas. A literatura registra que são histórias transmitidas de geração em geração e que mesmo com toda a tecnologia existente, mantêm seu espaço de destaque narrativo junto à infância. Tendo sua origem vinda da Europa.

Ainda, a literatura aponta para uma origem céltica (século II a.C.) dos contos de fadas. (HISADA, 1998 apud OLIVEIRA, 2010, p. 12), aborda os escritos de Platão, nos quais mulheres mais velhas empregavam suas histórias recheadas de simbologia. A autora também se refere aos papiros dos irmãos Anúbis e Bata, os quais foram encontrados registros de contos de fadas.

Segundo (COELHO, 2003 apud SCHNEIDER e DJAMBOLAKDIJAN, 2008, p. 134.) a necessidade de contar histórias apareceu quando o homem primitivo sentiu a vontade de ter explicações racionais para o que ocorria em sua volta. O homem primitivo foi encontrar no mito e nas narrativas mirabolantes a explicação de algumas coisas a exemplo disso quando viam relâmpagos diziam que eram os deuses em guerra.

 Em muitas sociedades, os contos eram envoltos em significados sagrados. Foram protegidos e transmitidos, perpetuando-se através das gerações até a atualidade. E mesmo nessa atualidade, o que vemos é que os contos trazem uma proteção ás crianças, no momento em que pedem aos pais que lhe contem uma história para que adormeçam. (RADINO, 2003)

Mulheres de diferentes classes sociais, segundo (Radino, 2003) foram responsáveis pela criação de muitos contos conhecidos atualmente. Inicialmente, os contos não eram feitos para o universo das crianças, uma vez que estas não eram reconhecidas por suas características próprias de infância. Recheadas de cenas de adultério, canibalismo, mortes e outros elementos do imaginário dos adultos. Histórias que narravam o destino dos homens, suas dificuldades, seus sentimentos, suas inter-relações e suas crenças no sobrenatural.

Eram relatados por profissionais os quais herdavam essa função dos antepassados, ou como uma simples tradição transmitida de pessoa para pessoa. Geralmente, as narrações ocorriam em campos de lavouras, reuniões sociais, nas salas de fiar, casas de chá, nas aldeias ou nos demais espaços em que os adultos se reuniam (RADINO, 2003).

É sabido que a literatura dirigida á criança foi produzida a partir do século XVII, após a queda do sistema feudal, na qual a família tornou-se unicelular e a criança era tida biologicamente como frágil e afastada dos meios produtivos.

Consequentemente, a infância começa a ser pensada como uma fase de dependência do adulto. “A criança passou a ser valorizada, aliado com as ideias para seu desenvolvimento intelectual, surge à necessidade de conduzir suas emoções. E passam a sofrer adaptações no sentido de contemplarem as necessidades das crianças, bem como de sua vida imaginária. Em poucas palavras, a infância é uma construção social, ou seja, sempre existiu criança, mas nem sempre existiu infância. Por conta disto os contos de fadas também vão acompanhar estas transformações sendo direcionadas as crianças”. (ÁIRES, 1981 apud VOLTZ, 2010, p. 9.)

Segundo (COELHO, 2003 apud OLIVEIRA, 2010, p. 17), a necessidade de contar histórias apareceu quando o homem primitivo sentiu a vontade de ter explicações racionais para o que ocorria em sua volta. O homem primitivo foi encontrar no mito e nas narrativas mirabolantes a explicação de algumas coisas a exemplo disso quando viam relâmpagos diziam que eram os deuses em guerra.

Os contos se configuraram em artifícios fascinantes á fantasia infantil, narrados por amas, governantas ou pelas “cuidadoras” das crianças, que se encarregavam de contar e perpetuar histórias de origem popular com base na cultura do povo.

Por intermédio dos contos de fadas as sociedades exprimem seus sentimentos e valores. Considera-se que hoje em dia esses contos são vistos quase sempre com um final feliz, porém nem sempre foi assim, os contos permitam-se a diversos fins até mesmo os catastróficos.

Nesse sentido, percebe-se que os contos de fadas nada mais eram que histórias de pessoas simples corajosas ou não, cheia de conflitos, intrigas, invejas e aventuras. Nem sempre as crianças tinham acesso aos contos, eles tinham apenas a função de entreter adultos, as crianças só foram inseridas nesse contexto, após a descoberta das fadas que eram mulheres cheias de poderes especiais além de serem lindas e perfeitas.

 Como mencionado anteriormente, os contos de fadas foram feitos para adultos passaram por adaptações de modo que pudessem atender as necessidades dos pequenos leitores assim como sua vida imaginária. Os contos são um meio atrativo à fantasia infantil, em sua maioria de origem popular, narradas com base na cultura do povo.

 Da forma como são conhecidos nos dias de hoje, os contos de fadas na versão infantil, apareceram na Europa com mais exatidão na França e Alemanha no final do século XVII. Apesar do nome, as fadas são personagens que pouco aparecem nos textos, pois o destaque está para os plebeus, artesãos em fim pessoas simples e humildes da vila. Porém, tudo indica que sua popularização só veio acontecer no século XIX. O aspecto lúdico e fantasioso visualizado nos dias de hoje envolvendo os contos de fadas, decorreu da necessidade de amenizar aquelas histórias que eram polêmicas.

 No tocante ao Brasil, os contos de fadas como conhecidos hoje apareceram por volta do século XIX com o nome “Contos da carochinha” Eram aproximadamente 61(sessenta e um) contos populares, começando a serem chamados propriamente de contos de fadas, no século XX.

**2.1 ESTRUTURA DOS CONTOS DE FADAS**

 Os contos de fadas são diferenciados das demais histórias infantis por características, tais como, o uso de magia e encantamentos, tendo como problemática central o herói ou a heroína na busca de sua realização pessoal e, finalmente, a existência de obstáculos a serem enfrentados pelos heróis, a batalha do bem contra o mal e a realização pessoal das personagens da história (RADINO, 2003)

 Para Bettelheim (1980), são características desses contos a presença marcante de um dilema existencial de forma sucinta e categórica.

 Os contos de fadas têm cinco etapas: a travessia, a viagem ao mundo mágico; o encontro com o personagem do mal ou o obstáculo a ser vencido; a dificuldade a ser superada; a conquista (destruição do mal); e a celebração da recompensa (Casdan, 2000 apud Raquel Schneider e Sandra Djambolakdijan, 2008, p.139.)

 Os contos se caracterizam por serem uma narrativa cujos personagens heróis e, ou, heroínas enfrentam grandes desafios para, no final, triunfarem sobre o mal. Permeados por magias e encantamentos, animais falantes, fadas madrinhas e rainhas, ogros, lobos e bruxas personificam o bem e o mal. No conto de fadas, tapetes voam, galinhas põem ovos de ouro, pés de feijão crescem até o céu, enfim, traz-se á tona o inverossímil, e é essa magia que instiga a mente humana (Bettelheim, 1980)

 A literatura aduz que está no encantamento da arte narrativa o motivo da perenidade dos contos de fadas. Portanto, se não tivessem recebido um tratamento literário, em diferentes épocas, essas histórias com certeza teriam desaparecido.

 Há uma necessidade de compartilhar com outras experiências de leituras. A aludida Autora, ainda, ressalta a importância de escutar histórias para o desenvolvimento cognitivo de qualquer criança, pois este é o principio da aprendizagem das descobertas e compreensão de um mundo que antes era desconhecido. É por intermédio da leitura que a criança aguça o imaginário, busca solucionar os problemas, identifica a si ou a outras pessoas através dos personagens da história. Para Ela: é ouvindo histórias que se pode sentir também emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a ansiedade, a tranquilidade, dentre outras, com a visão profunda de tudo que as narrativas provocam naqueles que a ouvem. (ABRAMOVICK, 2001 apud SCHNEIDER e DJAMBOLAKDIJAN, 2008, p. 138)

 Recorrendo, ainda, aos ensinamentos da eloquente Autora, faz-se necessário saber contar uma história e ao mesmo tempo estar familiarizado com ela, pelo fato de sempre aparecer novas palavras nessas histórias. Nessa toada, o narrador precisa trazer segurança no momento de transmitir as histórias, no intuito de atrair a atenção das crianças. Ouvir histórias aguça certas habilidades na criança, tais como, o gosto pela música, desenho, o saber ouvir, pensar e imaginar. Além de ser um momento de diversão que permanece na memória da criança.

 Sobre as descobertas de si mesmos, os contos de fadas têm um momento importante, pois cada criança precisa de uma personalidade para fortificar seu desenvolvimento e crescimento. São histórias que mexem com a consciência, os desejos, as emoções e a sexualidade. No imaginário faz a criança desejar romper as barreiras que a prendem, transgredir, modificar o cotidiano, tentar outras formas de ser ela própria e até propor outro enfoque para o corpo através da aparência.

**2.2 AUTORES DOS CONTOS DE FADAS**

 Por detrás da imaginação, muitas vezes escondida, está à vontade de criar. O conhecimento dessa vontade não é de hoje, mas de há muito, muito tempo.

 A tradição sempre acreditou que, avaliando sobre o ombro de quem escrevia, estava “outra vontade”, a de quem exercia o ofício de escrever. Para os românticos, essa outra vontade era evidentemente a própria inspiração. Para Freud, ela morava no inconsciente de cada um. Para os surrealistas, ela existia no próprio ato de escrever e era provocada por ele mesmo.

 Muitos consideram o francês Charles Perrault que viveu no século XVII como o primeiro a coletar e organizar contos de fadas em um livro. Mesmo escrevendo diversas obras para adultos ele foi imortalizado pela autoria de um único livro que escreveu para crianças “Contos da Mãe Gansa”.

 Desta pesquisa nasceu “Contos da criança e do lar” que foi publicado em dois volumes. Na realidade estava distante de ser um livro infantil, mas que conquistou famílias de todo o mundo. Depois desta publicação foi que surgiu a literatura infantil com autores de todo o mundo escrevendo para crianças.

 Os alemães Jacob e Wilhelm Grimm também fizeram um projeto de coletânea de contos populares. Como eles eram filósofos a principio tinham interesse de coletar os contos para estudar a alemã e a partir daí fazer o registro do folclore da Alemanha para resgatar a história real do país.

 O autor que se destacou no Brasil escrevendo contos de fadas foi Monteiro Lobato, com histórias de aventuras de uma boneca falante e um sabugo de milho muito inteligente. Essas histórias encantam até hoje pessoas de diversas gerações.

**Apontam-se os principais autores dos contos de fadas:**

 **La Fontaine (1621-1695)**

 Jean La Fontaine ficou conhecido após publicar um livro chamado “Fábulas Escolhidas”. Nesse livro, existiam 124(cento e vinte e quatro) fábulas. Eram histórias de animais que sempre ao final embutia uma lição de moral. Nessa esteira, La Fontaine resgatou fábulas do grego Esopo e do Romano Fedro, e também, criou suas próprias, as mais conhecidas são “A formiga e a cigarra” e “A raposa e as uvas”. Em 1965, La Fontaine morreu e foi considerado pai da fábula moderna.

 **Charles Perrault (1628-1703)**

 Charles Perrault foi um dos criadores da Academia Francesa de Ciências. Em 1671, foi convidado para participar da Academia Francesa de Letras. Perrault ficou conhecido após publicar histórias populares e com uma linguagem simples, que faziam parte do folclore europeu.

Seu livro mais famoso é “Contos da Mamãe Gansa”, que foi publicado em 1697, possuindo os contos: A gata borralheira; O gato de botas; Chapeuzinho vermelho e Barba Azul. O livro destaca-se pelo fato de que os personagens principais, apesar de pequenos e indefesos, vencerem o mal usando a inteligência. É notável essa dicotomia entre o bom e o mau, com extensão aos bonitos e feios, assim como, aos fortes e os fracos. Com essa obra, o memorável Perrault inaugurou o gênero conhecido por “Contos de Fadas”.

 **Irmãos Grimm – Jacob (1785 - 1863) e Wilhelm Grimm (1786 - 1859)**

 Jacob Grimm e Wilhelm Grimm nasceram em Hanau, Alemanha, respectivamente em 1785 e 1786. Os irmãos abandonaram o curso de direito para se dedicarem à literatura. Em 1830 já eram professores em uma Universidade na Alemanha. Os irmãos Grimm foram filósofos, historiadores, narradores, tendo excelente conhecimento de sua a língua pátria, bem como, de sua mitologia. Em 1837, por discordarem do Rei, eles conjuntamente com mais de cinco professores foram demitidos da Universidade de Göttingen. Decorridos cerca de quatro anos, foram convidados a lecionar na Universidade de Berlim.

 Os irmãos decidiram pesquisar e ouvir as histórias diretamente dos camponeses, amigos e conhecidos, no intuito de recolher a maior quantidade possível de histórias populares, lendas e sagas germânicas, todas estas conservadas pelo tempo e pela tradição oral. Foram nessas histórias que encontraram a fantasia, o lúdico e o misticismo. Desse mundo surreal tiveram origem as histórias infantis. Diferentemente das histórias de Perrault, a violência dá lugar ao humanismo.

 As histórias passadas de geração em geração, na tradição oral, não eram destinadas às crianças, mas sim aos adultos. Com a compilação das histórias, os irmãos Grimm adaptaram partes do texto para o público infantil, já que a história tinha um conteúdo mágico e fantástico. O primeiro manuscrito foi concluído em 1810 e contava com 51 histórias. A primeira edição foi intitulada “Histórias das crianças e do lar”. A quinquagésima edição, ainda estando os autores em vida, continha 181 narrativas, em que todas elas continham como características predominantes a esperança, o amor e a confiança. Vale mencionar que algumas histórias mantinham certa coincidência com as de Perrault, por serem também de fundo europeu.

 **Hans Christian Andersen (1805-1875)**

 Andersen só passou a ser reconhecido publicamente após a divulgação de suas histórias infantis. Citam-se as mais conhecidas O patinho feio; O soldadinho de chumbo; A pequena sereia e João e Maria. Por ter sido uma criança desajeitada e alta de mais para a sua idade, infere-se que “O Patinho feio” fora inspirado na sua própria infância.

Hans Christian Andersen foi considerado o precursor da literatura infantil mundial. Em 02 (dois) de abril, data de seu aniversário, comemora-se o Dia Internacional do Livro Infanto-Juvenil. Entre os prêmios internacionais, o mais importante leva o seu nome, a medalha Hans Christian Andersen. O prêmio é outorgado pela International Board on Books for Young People – IBBY.

Por intermédio de suas histórias, era trabalhado o comportamento cristão, os valores éticos, morais e direitos iguais entre os homens. Nos anos de 1835 a 1842, foram lançados seis volumes de "Contos Infantis". Em 1875, Andersen faleceu em Copenhague.

 **Carlo Collodi (1826 - 1890)**

Carlo Collodi, pseudônimo de Carlo Lorenzini,iniciou sua carreira escrevendo em um catálogo de uma livraria Florentina. Tornou-se um jornalista de sucesso e em breve escrevia para jornais de toda a Itália. Fundou, então, um jornal próprio, que foi fechado pela censura, em 1848. Este jornal foi reaberto onze anos depois, por ocasião do plebiscito em que se votou a anexação da cidade-estado ao Piemonte.

 Em 1881, inicia a publicação do "Giornale per i bambini" (Jornal para as crianças), sendo o primeiro periódico italiano voltado para o público infantil. Foi ali que, em curtos capítulos, publica originalmente a "Storia di un burattino" (História de um Boneco), correspondendo ao primeiro título das Aventuras de Pinóquio. Publicou ainda outros contos, entre os quais, “Storie allegre", em 1887, mas, infelizmente nenhum deles alcançou o sucesso de sua obra-prima.

 Pinóquio é, sem dúvida, a criatura que engoliu o criador: o mais famoso personagem da literatura infantil, conhecido em todo o planeta, apesar de poucos o apontarem como o seu criador. .

 **Lewis Carroll (1832-1898)**

 Seus primeiros livros abordavam conteúdos matemáticos, envolvendo conceitos de Geometria e Álgebra. Porem, a especificidade advinda da lógica matemática aguça a sua capacidade pelos jogos na busca do teste da razão. Nesse contexto, publica os livros “The game of logic” em 1887 e Symbolic Logic em 1896.

 Foi a filha mais velha do seu grande amigo que lhe inspirou a escrever Alice no País das Maravilhas, o qual seria publicado em 1865. Dodgson adota então o nome Lewis Carroll para assinar as obras literárias, reservando o verdadeiro apenas para as publicações científicas. Após o sucesso da publicação de Alice no País das Maravilhas, Lewis escreveu Through the Looking Glass em 1871 e The Hunting of Snark em 1876.

 **Lyman Frank Baum (1856 – 1937)**

 Lyman Frank Baumnasceu em Chettemango (Nova York, EUA) em 1856 e morreu em Hollywood (Califórnia) em 1919. Tornou-se célebre por uma série de histórias que se passaram na imaginária terra de OZ. Começou sua carreira como jornalista em Chicago. Seu primeiro livro, Fother Goose (1899), foi um grande sucesso comercial. Mas a série da terra de OZ, no total de 14 (quatorze) livros, em especial, “O mágico de OZ”, trouxeram-lhe a celebridade e a imortalidade, com várias versões do texto para dezenas de línguas e para o cinema.

 **James Matthew Barrie (1860 – 1937)**

James Matthew Barrienasceu em Kirriemuir, na Escócia, o nono entre os dez filhos do casal David e Margaret. Aos sete anos sofreu um trauma muito forte com a morte de seu irmão David e a decorrente depressão da sua mãe. Aos treze anos, foi estudar na Glasgow Academy e, posteriormente, na Dumfries Academy, onde entrou em contato com os clássicos da literatura, antes de ingressar na Universidade de Edimburgo. Durante o período universitário, tornou-se crítico de teatro e passou a fazer parte de um grupo de debates, experiências que o ajudaram a superar a timidez. Graduou-se em 1882 e três anos depois, após um breve período escrevendo para o Nottingham Journal, mudou-se para Loundres onde passou a publicar artigos e contos carregados de humor.

 Em 1896, Barrie produziu trabalhos importantes, como o do seu mais famoso personagem, Peter Pan. O menino que não queria crescer apareceu também em alguns capítulos do romance The Little White Bird (1902). Já a peça Peter Pan, estreou em Londres e foi um sucesso imediato. Em 1911, Barrie transformou aquela peça num romance, cujo título fora chamado de Peter and Wendy.

 **Monteiro Lobato (1882 – 1948)**

 Seu primeiro contato com a literatura foi com os contos que escrevia para jornais estudantis em Taubaté. Em 1920, Monteiro Lobato lança seu primeiro livro infantil “A menina do narizinho arrebitado”. Seu famoso livro o Sítio do Pica-pau Amarelo e amplamente conhecido tanto por crianças, quanto por adultos.

 Lobato tem várias obras originais, dentre elas, destacam-se: “O Saci”, “Aventuras do Príncipe”, “Fábulas do Marquês de Rabicó”, “Memórias de Emília”, “As caçadas de Pedrinho. Sua obra é constituída de 30 volumes. Monteiro Lobato foi o precursor da literatura brasileira. No dia 18 de abril, aniversário de Lobato, comemora-se o Dia Nacional do Livro Infantil.

 Uma análise acurada dos contos de Monteiro Lobato leva-se a uma reflexão de que existe embutido um caráter racista. Nele só os brancos vivem as aventuras (Narizinho, Pedrinho, Dona Benta, Emilia, Visconde, etc.) enquanto os negros não passavam de serviçais e "pestinhas" (Tio Barnabé, Tia Nastácia e os sacis.)

 **Ruth Rocha (1931)**

Ruth Rocha**,** escritora brasileira, nasceu em São Paulo, no dia 2 de março. Influenciada pelo escritor Monteiro Lobato, iniciou a carreira de escritora em 1976, com o livro, "Palavras Muitas Palavras". Porém, sua obra mais famosa é "Marcelo, Marmelo, Martelo", com tradução para diversas línguas, a qual vendeu mais de 1 milhão de cópias. Especializada em livros infantis, foi eleita para a cadeira nº 38 da Academia Paulista de Letras. Escreveu também a revista Educação.

 Sua escrita é rica também em conteúdos sociais, como por exemplo, o livro "Uma História de Rabos Presos", lançado no Congresso Nacional brasileiro, em 1989. Em 1990, lançou na sede das Organizações das Nações Unidas o livro "Declaração Universal dos Direitos Humanos Para Crianças".

 **Ziraldo (1932)**

 **Ziraldo** iniciou sua carreira na década 50; época em que começou a trabalhar em jornais e revistas. Já nos idos de 1960, que se desenvolveu como escritor. Ele é conhecido como um artista múltiplo: escritor, ilustrador, jornalista, chargista, caricaturista, fazendo de tudo um pouco, desde cartazes de filmes, a uma simples capa de revista. A criação do jornal “O Pasquim” marcou sua carreira, pois o jornal manifestava seu inconformismo na época da ditadura no Brasil.

 Foi no ano de 1969, que publicou seu primeiro livro infantil intitulado “FLICTS”, no qual conta a história de uma cor que não encontrava seu lugar no mundo. O livro é repleto de imagens e cores e possui poucas palavras. Foi em 2004 que o sucesso de “FLICTS”, teve resultado, contribuindo para que o eminente escritor ganhasse o prêmio internacional Hans Christian Andersen.

 Seu auge na literatura infantil foi alcançado em 1980, com a criação de O Menino Maluquinho, personagem infantil que fez parte da infância de milhões de crianças. O livro posteriormente foi adaptado para o teatro, cinema e web. Em 1989, tirinhas em quadrinhos e revistinhas passaram a ser publicadas.

 **Ana Maria Machado (1942)**

 Ana Maria Machado foi professora, jornalista, dona da livraria Malasartes, já fez programa de rádio e hoje vive predominante da literatura. A produção de textos que o público infantil também pode ler foi a origem da fama dessa escritora. A versatilidade da atual ocupante da cadeira de número 1 da Academia Brasileira de Letras revela-se em seus romances e textos teóricos. Em 2000, Ana Maria Machado, recebeu pelo conjunto de sua obra, o prêmio internacional Hans Christian Andersen, considerado Nobel da literatura para crianças e jovens. Os prêmios multiplicam-se e retratam a qualidade literária não restrita à obra dita infantil da escritora em tela.

 Dentre as suas obras, citam-se aquelas destinadas a crianças: “A Grande Aventura de Maria Fumaça”, “A Velhinha Maluquete”, “O Natal de Manuel”.

 Na estrutura das obras supracitadas acima, a vontade, a imaginação e criação conjugam-se para que, em cada época, se consiga extrair do mundo a essência dessa mesma época.

**3. OS CONTOS DE FADAS NUM CONTEXTO PSICOPEDAGÓGICO**

**3.1 Era uma vez, e ainda é...**

Nos dias atuais nos deparamos com uma realidade na qual existe grande defasagem no que diz respeito à “contação” de história. As escolas não apresentam bibliotecas que ofereçam um acervo adequado as necessidades dos estudantes. Por sua vez, os professores, buscam contemplar as disciplinas com os conteúdos programáticos e deixam para segundo plano o ato de contar histórias.

 Nesse sentido, ocorre um grande desinteresse das crianças, cada vez mais pela leitura, devido o fato de que a literatura hoje produzida para elas é bastante simplificada, sem os ricos conflitos mágicos e simbólicos das histórias de fadas originais.

 Não resta dúvida de que a importância do contato com os livros desde cedo é fundamental. As narrativas desenvolvem nas crianças a criatividade e imaginação, além de conceitos e valores essenciais. A literatura não pode ser tratada como uma simples ferramenta de aprendizagem, mas um momento prazeroso de aprendizado.

Segundo Bruno Bettelheim (1980), para que uma história prenda realmente a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Entretanto, para enriquecer sua vida, deve-lhe estimular a imaginação; ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizadas com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Dito de outra maneira, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTELHEIM, 1980)

Bruno Bettelheim, ainda, ressalta que problemas de ansiedades infantis, tais como a necessidade de amor, o medo do desamparo, da rejeição e da morte são colocados nos contos em lugares fora do tempo e do espaço, mas muito reais para as crianças. (BETTELHEIM, 1980)

É notória a percepção do imenso papel das histórias na formação dos indivíduos, a sua profunda riqueza simbólica e a utilidade dessas histórias, que são parte importante de nosso patrimônio cultural. E nesse universo narrativo que algumas formas de literatura se destacavam devido à grande divulgação, ao longo dos séculos. Entre elas, os contos de fadas, presentes em todos os lugares.

Ler um conto de fadas para uma criança é muito mais do que contar-lhe uma historia qualquer. É acima de tudo, dar-lhe asas e respostas para vida. Os contos de fadas oferecem uma gama de respostas para o preenchimento das dúvidas existenciais e angústias da infância.

As histórias infantis como referências simbólicas a essas questões inconscientes constituem um importante instrumento psicopedagógico, uma vez que remetem ao sonho, à fantasia e iluminam o ser humano no que lhe é próprio: a capacidade de sonhar e simbolizar. (LIMA, 2003 apud Regina Camargo, 2013).

Os contos de fadas veem sendo utilizados tanto na ação psicopedagógica, quanto na psicoterapia. Bettelheim demonstrou que o conto representa muitas vezes nossos desejos, nossas angústias, e muitos dos mecanismos gerais de funcionamento de nossos esquemas psíquicos. Desta forma, o conto deveria funcionar como instrumento precioso numa terapia em ações educativas.

A criança precisa ser preparada para lidar com os desafios da vida, enfrentando- os e superando-os. Nesse aspecto, os contos de fadas contribuem de forma decisiva para o seu desenvolvimento, ajudando a criança a vivenciar não só o presente, mas também, a preparar-se ao que esta por vir, a futura separação de seu mundo familiar e a chegada ao mundo dos adultos. O conto de fadas é a cartilha na qual a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual. "(BETTELHEIM, 1992 apud de OLIVEIRA, 2010, p. 18)

Os contos de fadas não descrevem o mundo como uma simples realidade objetiva, mas por meio das riquezas simbólicas. Tornando-os mais verdadeiros, pois, cogitamos sobre seus aspectos mais obscuros da nossa mente, que não podem ser compreendida diretamente através do pensamento consciente.

Por isso, ao ouvir ou ler contos, o psiquismo da criança se desenvolve, pois, ela tem o desafio mental de compreender uma narrativa rica e bem tecida. A criança vai reorganizando e fantasiando sobre elementos apropriados da história em resposta as pressões inconscientes. Portanto, a criança adequa o conteúdo inconsciente as suas fantasias conscientes, que habilita a lhe dar com esse conteúdo.

É aqui que os contos de fadas têm um valor incomparável, possibilitando novas dimensões a criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente sozinha.

Segundo Bettelheim, "a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens á criança quão as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção á sua vida". (BETTELHEIM, 1980, p. 16)

Bettelheim (1980), ainda, ressalta que os contos de fadas dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, como também, sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver seu caráter. Os contos de fadas declaram que a vida compensadora e boa está ao alcance das pessoas, apesar das adversidades, mas apenas se ela não recuar as lutas da vida, sem as quais não se adquire a verdadeira identidade.

Por se tratar de uma técnica parecida com o brincar é que o fato de contar histórias está ganhando espaço nos estudos da Psicologia. As histórias são instrumentos poderosos que podem ser aplicados na clínica infantil. (GUTFREIND, 2004 apud OLIVEIRA, 2010, p. 27), relaciona o conto com o brincar:

 “[...] a fonte importante de seu potencial terapêutico parece vir de sua dimensão lúdica. Conto é também brinquedo. Diversão pura e simples, perda de tempo, descanso da realidade e todos esses aspectos fundamentais para que a criança consiga se desenvolver e elaborar-se.”

Os contos de fadas são histórias que possuem personagens sem muitos detalhes, sendo mais típicas do que únicas. A maioria dos contos não possui nomes de personagens, e se o possuem, são bastante comuns, como João e Maria, facilitando a projeção.

O lúdico não esta só no brincar, está também no apoderar-se da literatura como forma natural de descobrimento e compreensão do mundo.

É notório perceber que o resgate da magia da leitura dos contos de fadas não será a solução dos problemas mundiais, porém, como eles agem também no inconsciente, podem ajudar muito a criança a eliminar ou entender os conflitos do qual está passando no momento do contato da leitura e/ou a escrita.

Segundo Carlos Brito, Professor da Universidade Católica de Pernambuco: "Crianças que têm mais contato com literatura infantil, adiam o fascínio pela violência." Ele ainda comenta que os contatos dos alunos com a literatura infantil, principalmente com contos de fadas, estimula as crianças a lidar com a imaginação, exteriorizando a agressividade de maneiras sadias.

"Não é surpreendente descobrir que a psicanálise confirma nosso reconhecimento do lugar importante que os contos de fadas popularmente alcançaram, na vida mental de nossos filhos. Em algumas pessoas, a remoção de seus contos de fadas favoritos ocupa o lugar das lembranças de sua própria infância; elas transformaram esses contos em lembranças encobridoras." (FREUD, 1913: 355 apud FIDALGO, 2013)

Visto que os contos de fadas e as histórias infantis mostram grande importância, é necessário salientar a significância do papel exercido pela escola e pelos professores, como também, as funções desempenhadas pelos pais e por adultos que convivem com a criança.

É fundamental a conversa sobre o que as crianças estão pensando a respeito do conteúdo das histórias, seu tema, a época e as condições em que a trama se passou. Entretanto, deve-se ter um cuidado em não permitir os adultos a “'moralizar”' as histórias, com frases do tipo: "viu o que acontece quando não se obedece a mamãe? "O importante é que as hipóteses da criança possam ser externadas através da elaboração secundária e que o adulto possa acolher o conteúdo de seu universo psíquico, em lugar de tentar dirigi-lo. Isto implica, da parte do adulto, muita generosidade, altivez e capacidade de brincar com a criança. (FORTUNA, 2005, p.2 apud FIDALGO, 2013).

Os contos puderam ser adotados na intervenção psicopedagógica, para levar a criança a se apoderar do processo de alfabetização, pois, estes nos permitem perceber tanto a parte psicanalítica, quanto a parte cognitiva. Com o intuito de proporcionar ao sujeito aprender normalmente ou, ao menos, no nível mais alto que suas condições orgânicas, constitucionais e pessoais lhe consentirem.

Desde sua origem, os contos, já exercem função terapêutica, porque propicia à criança a oportunidade de recompor sua capacidade de ir adiante, de arremessar-se e de querer crescer. A criança alcança a maturidade e poderá assumir a contradição entre o princípio do prazer e o da realidade, tornando-se capaz de assumir a frustração e a renúncia do objeto imediato, permitindo dessa forma a conquista para mais tarde.

Conforme (MELLI \_ GIGLIO, 1999 apud SCHNEIDER e DJAMBOLAKDIJAN, 2009, p. 138), os contos de fadas eram amplamente usados na medicina hindu como método terapêutico para pessoas que apresentavam problemas mentais. A elas, era oferecido o conto com o objetivo de estimular sua meditação. O conto é vivido como personificação de formações e evoluções interiores da mente, pois usam a mesma linguagem que o inconsciente.

O trabalho psicopedagógico tem a responsabilidade de interligar sua ação ás aprendizagens cognitivas, trabalhando enquanto mediador da construção ou reconstrução da aprendizagem da criança, agindo em três aspectos: a ordem do corporal, a ordem do imaginário-simbólico e a ordem do cognitivo. É como mediador que o psicopedagogo utiliza-se do conto de fadas, encontrando duas formas de mediação: tentar agregar o herói da história com seu objeto de busca, que poderá suceder através do casamento, ou pela conquista do tesouro, deixando-o na riqueza, finalizando com o "... foram felizes para sempre", levando a criança a uma conciliação com ela própria, com a escola e com suas aprendizagens culturais.

O discurso literário abre perspectivas para a percepção do mundo do ponto de vista da infância, traduzindo suas emoções, seus sentimentos, suas condições existenciais em linguagem simbólica que efetue a catarse e promova um ensaio geral da vida. Favorecem a socialização pela participação em grupo, e sabe-se que o convívio social mostra-se importante instrumento na cura de doenças. Salienta-se que, ao conciliar literatura e terapia, o narrador, após a história, deve incentivar a criança a trocar ideias e a realizar um exercício de reflexão entre o real e o imaginário (CALDIN, 2004 apud SCHNEIDER e DJAMBOLAKDIJAN, 2009, p. 138).

A voz do narrador que propicia os toques mágico, lúdico e terapêutico no momento da “contação” de histórias, o que busca uma química entre aquele que narra e o que escuta.

Quem não se lembra da aflição que sentiu ao ouvir contar que, “de repente, a menina se viu perdida na floresta”? A criança que escuta atentamente a história logo se sente e imagina também perdida naquela mesma floresta imensa e desconhecida, ou seja, ela sai o mundo real e entra num mundo onde tudo é possível.

Quem conta a história vê-se envolvido em todo esse processo. Um adulto que goste de contar histórias não escapa ao seu próprio fascínio e descobre a cada momento, a cada pausa, o efeito que as suas palavras e a sua expressão provocam nele mesmo e na criança que ouve de olhos maravilhados.

A prática da partilha dos contos de fadas, tais como os pais lendo ou contando para os filhos, professores para os alunos, com conversas posteriores a estória, deve ser incentivada, pois nessa atividade fica mais fácil para as crianças expressarem suas angústias, dividir suas dúvidas e ansiedades sem se expor pessoalmente. Isso é possível, pois, ao conversar sobre uma história, estarão falando indiretamente dos seus próprios sentimentos, já que utilizaram o recurso das personagens e de uma situação irreal como apoio. É importante, de preferência, adotar estórias que apresentem um final feliz. E em meio a esse tipo de atividade, não cabe qualquer espécie de julgamento moral ou censura. Por intermédio das estórias deve-se oferecer ás crianças a oportunidade de expressarem suas dificuldades emocionais de uma maneira protegida, transmitir ás crianças a mensagem de que a vida é inevitável ao se deparar com dificuldades, mas que se lutarem com firmeza será possível vencer os obstáculos e alcançar a vitória.

Há quem seja contra e quem seja a favor dos contos de fadas. Uns consideram encantadores as lendas e os mitos, outros rejeitam como prejudicial e perturbadores, mas atualmente há um consenso da sua grande importância, sua atuação decisiva na formação e desenvolvimento cognitivo infantil.

É por intermédio desses embasamentos que se assegura a importância dos contos de fadas no desenvolvimento intelectual e emocional das crianças. Todas as pessoas que trabalham com educação e saúde produzem esforços para proporcionalizar condições que beneficiem a integração psicológica. Se os contos de fadas apresentam com possibilidades de beneficiar essa integração, não há como descartá-los. Se a criança pode aprender, a conviver com naturalidade com fortes elementos do inconsciente da humanidade e do seu inconsciente, estaremos lhe concedendo melhores condições para crescer e amadurecer por meio da narrativa e da reflexão dos contos de fadas. Essa proposta deveria ser um trabalho estruturado e permanente, e as pessoas encarregadas de realizá-lo precisariam ter um desenvolvimento pessoal e uma intimidade com seus próprios inconscientes. Estão incluídos nesse rol, os professores, orientadores, psicólogos e artistas, para favorecerem ou até mesmo não atrapalhar o encontro das crianças com seu mundo interno.

Proporcionar a criança o acesso aos contos de fadas, se escolhidos com consciência, é colocá-la a serviço da longa e sofrida tarefa que é a maturação. E preenchendo-a com imagens simbólicas que lhe daremos a oportunidade de reorganizar, tanto no plano subjetivo como no objetivo, as suas experiências, assim como lhe disponibilizarmos instrumentos valiosos na produção de idéias criativas e na construção de histórias.

Levando em consideração os conceitos mencionados supra, procurou-se mostrar importância significativa ao se investir no contato das crianças com os contos de fadas.

 Do exposto, fica claro que não ocorreu uma abrangência de todos os aspectos envolvendo a questão. No entanto, ficam aqui algumas ideias e “verdades” que não prometem ser únicas nem incontestáveis, mas, algumas dentre várias, semelhante realidade e riqueza de ideias que caracterizam o nosso pensamento, assim como a realidade em que vivemos.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O tema em tela propiciou um estudo dos contos de fadas diante de um contexto psicopedagógico. Nessa esteira, o trabalho levou em consideração o surgimento, conceito, o papel do psicopedagogo e o seu campo de atuação na psicopedagogia no Brasil. Ainda, teceu considerações sobre as origens dos contos de fadas, abordando a sua fantástica história, estrutura e citando os principais divulgadores dessa cultura. Todo esse embasamento serviu para evidenciar os contos de fadas como instrumento na contribuição para a psicopedagogia.

Nessa visão, chegou-se ao entendimento de que lidar com fantasia na literatura infantil, sobre tudo nos contos de fadas, é um recurso fundamental no processo do desenvolvimento humano. Por meio dos contos adentra-se magicamente no inconsciente, contribuindo de forma importante para a formação do imaginário infantil, levando a criança involuntariamente a resolver seus próprios conflitos. Proporcionando assim, o gosto pela leitura e consequentemente grandes leitores.

Ainda, nesse seguimento, o estudo também permitiu compreender que contar histórias não é apenas abrir um livro e ler um monte de palavras ou mostrar várias figuras as crianças e sim despertar sua curiosidade, estimular sua imaginação, desenvolver seu intelecto e suas habilidades, porque enquanto diverti a criança, o conto de fadas favorece o seu desenvolvimento.

É importante ressaltar que os contos de fadas é um gênero literário com abrangência na esfera de realizações e desejos, o que leva ao seu intimo relacionamento com as angustias. Quanto mais a criança se expressar pela literatura, maior vivência terá de si mesma, despertando para a conquista da saudável autoestima e desenvolvimento de sua autonomia. O impulso criador é ativado, conduzindo temores e medos para a construção de um sujeito emocionalmente mais equilibrado. Permitindo que a personalidade se desenvolva na sua multiplicidade de fatores psíquicos afetivos e cognitivos, além das diversidades das expressões verbais e não-verbais, em que a expressão artística da literatura (contos) e das artes plásticas ocupa um lugar de grande relevância.

Os Contos de Fadas são ricos na intervenção psicopedagógica, uma vez que com estes podemos trabalhar: a alfabetização, observar a parte psicanalítica, autonomia da criança, imaginação e por fim a parte cognitiva.

Portanto, a conclusão lógica é de que a força criadora e a sabedoria profunda presente nos contos de fadas e seu rico contexto, ajudam as crianças a encontrarem o caminho para suas realizações.

**REFERÊNCIAS**

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro, Paz Terra, 1980.

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil**:contribuições a partir da prática**,** 2º Ed. Ver. Amp. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CAMARGO, Celia R. **Contos de Fadas e Psicopedagogia**: uma proposta de utilização em sala de aula e nos atendimentos psicopedagógicos. Disponível em: <http://reginapironatto.blogspot.com.br/2010/03/contos-de-fadas-e-psicopedagogia-uma.html>. Acesso em: 02 dez. 2014.

FIDALGO, Carmem. **Literatura Infantil**: A contribuição dos Contos de Fadas para a construção do imaginário infantil. Revista eletrônica Saberes da Educação, São Paulo, v.3,nª2, p. 1-13. 2012.

OLIVEIRA, Elisangela. **A importância dos contos de fadas no desenvolvimento infantil sob a ótica da psicopedagogia.** 36f. \monografia (Especialista em Psicopedagogia) – Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2010.

OLIVEIRA, Patricia. **A contribuição dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças.** 62f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador-BA, 2010.

RADINO, Glória. **Contos de fadas e a realidade psíquica** –A importância da fantasia no desenvolvimento.São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003. p, 236.

SCHNEIDER, Raquel; DJAMBOLAKDIJAN, Sandra. **Contos de fadas**:de sua origem à clínica contemporânea.Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v.15, n.2, p. 132-148, ago. 2009.

VOLTZ, Sabrina. **A importância dos contos de fadas**:Um estudo sobre as preferências das crianças. 31f.Monografia (Graduação de licenciatura em pedagogia) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.